

Segunda-feira, 20-3-89

Ecologia mental

J.O. de Meira Penna

A Amazônia está na ordem do dia. Como na abundância exuberante e asfíxiante da vegetação tropical, derrama-se uma catadupa de asneiras, frases ocas, exageros, declarações retóricas, conceitos absurdos, protestos patrióticos, opiniões grandiloquentes expressas por tanta gente, notável ou não, nativos e gringos, que criam um mato grosso inextricável de argumentos onde não é fácil locomovermo-nos ... que é entretanto o que procuraremos fazer. A Amazônia sempre foi, é bem verdade, terra de mitos e fábulas, a começar por seu próprio nome, pois quem jamais ali viu guerreiras esbeltas, montadas a cavalo? Manaus (Manaus?), as Sete Cidades douradas de Cibola e o Eldorado? Os aventureiros, entretanto, sempre a procuraram, desde o famoso Lope de Aguirre, o Traidor, personagem de dois filmes recentes, até uma cubana denunciada pelo Estado de S. Paulo, empenhada em transformá-la em cenário para novo episódio à la Guevara. Chê, é demais! Outro caso é o de Oswald de Andrade. Filho de uma amazonense, Oswald de Andrade dela ouviu tantas histórias fantásticas que se transformou no "menino impossível" do movimento modernista. O lirismo telúrico desse nosso famoso carnavalesco da literatura se imbebeu, segundo Antônio Cândido, dos contos terríveis do mato, dos horrores da floresta, da selva e suas feras, bichos fabulosos e fantasmas para perturbar a alma. Macunaíma também é amazonense de nascença. A histeria coletiva que o meio ambiente da Amazônia está gerando parece provocar uma pseudologia epidêmica que se denuncia pela incapacidade de discriminar entre o verdadeiro e o falso, o real e o fabuloso, o fato e a versão, a solução de bom senso e a reação irracional. Por razões que também não se podem claramente perceber, a Amazônia, que é a área menos ocupada do território nacional e, por razões óbvias, um dos maiores vazios demográficos do planeta, sempre desprezado em nossos planos de desenvolvimento, se converteu de um dia para o outro, ou mais exatamente em 1970, em meta de expectativas utópicas e causa de temores apocalípticos. Inferno Verde ou Eldorado? Certamente pretexto para os mais violentos meteorismos verbais. Como em toda causa altamente emocional, a ambivalência feroz colorea a polêmica em que se enfrentam quatro partidos, dispostos em dois pares de opostos: ecologistas botocudos e nacionalistas tupiniquins, gringos fariseus e ambientalistas em neurose obsessional... Mas alguém por ventura acredita que os imperialistas estariam realmente ansiosos por transferirem massas populacionais do clima ameno da Califórnia para a **jungle** de mosquitos da malária, cobras peçonhentas, vorazes piranhas, índios de tacape em punho e um calor de estufa que oferece a antevisão horripilante do destino de todo o planeta? O bom senso e o equilíbrio é o que parece ter sido abandonado na profusão vegetal da floresta virgem: o meio ambiente não favorece a lógica, precisão e clareza cartesianas...

Grande parte da culpa é nossa, aliás, do mesmo modo como a Amazônia é nossa e o petróleo é nosso, bem nosso. Um exemplo típico: quando há 15 anos servi na Noruega, abria todos os dias os jornais para ler histórias lúgubres sobre massacres de índios brasileiros. O tema estava muito na moda. Certa vez o **International Herald Tribune**, o **New York Times** e um jornal norueguês publicaram notícias simultâneas sobre "**o genocídio de seis milhões de índios**" que fora perpetrado pelos brasileiros desde o descobrimento, eis que apenas 200 mil sobrariam da população original. Fui posteriormente encontrar o original dessa versão numa entrevista de um dos irmãos Villas-Boas, que devia estar melhor informado! Afinal, pelo menos 30 ou 40 milhões de patricios de sangue caboclo, inclusive dois presidentes da República, provam uma explosão demográfica indígena, antes do que um genocídio — mesmo se levarmos em conta o recenseamento de seis milhões a que procedeu o IBGE, em 1500, de todos os tupis, tapuias, gês, guaribas, carajás, arawak e mundurucus... O misto de

ecologismo frenético, jingoísmo tapado dos "soberanos nacionais" e fanatismo romântico dos ecologistas, no sentido de transformar a floresta em "jardim antropológico" para uso exclusivo dos estudiosos, nativos e estrangeiros, estende-se hoje em ventanias mais formidáveis do que o oxigênio da floresta que a humanidade inteira respira. Proliferam heróis, vilões e **experts**. Até mesmo um cantor de **rock** é recebido pelo presidente da República, em episódio antológico que só perde para aquela data memorável em que o Congresso Nacional recebeu com honras de chefe de Estado uma estrela de cinema pornô, a Silvia Kristel... Outro que se desequilibrou com a notoriedade foi o sr. Lutzemberger, ao qual até mesmo um pseudo-Prêmio Nobel dos pobres foi concedido. Valiosa como sua admirável dedicação ao problema possa ser, devia coibir-se dos destemperos de suas exhortações desmoralizantes em entrevistas concedidas e colaborações em obras estrangeiras. O exagero enfraquece o argumento — é o que esse pessoal não parece compreender.

É evidente que o problema ecológico configura um dos mais dramáticos que enfrenta a humanidade neste fim de século. Os mais esclarecidos pensadores contemporâneos o colocam juntamente com a explosão demográfica, o impasse nuclear e a miséria dos países do chamado Terceiro Mundo, entre aqueles que só podem ser resolvidos em escala mundial, o que torna obsoleta a noção de Estado-nação soberano. Se em matéria de desarmamento nuclear as duas superpotências aceitam a inspeção mútua de seus mais secretos arsenais e se, para superarem a miséria oriunda de sua própria incompetência, os países subdesenvolvidos apelam para a caridade alheia, não vejo como será possível argüir com o nacionalismo soberano, em que pesem todos os argumentos mais notáveis de meu dileto amigo, Benedito Ferri de Barros, em seu artigo desta folha a primeiro do corrente. Uma sugestão muito sábia demonstra, a meu ver, como seria possível alcançarmos um consenso profícuo e razoável, se despejássemos nossos preconceitos juntamente com as jararacas, os sapos peçonhentos e os insetos satânicos da Amazônia: oito bilhões de dólares da dívida brasileira, com desconto ou ágio digamos de 42%, aplicados em projetos ecológicos, constituem uma idéia digna de encômios. Aos soberanos nacionais repugna o projeto não por raciocínio frio mas pelo complexo da mimosa pudica, tocada em seus brios e sua timidez. A recusa do ministro das Relações Exteriores em discutir a idéia se me afigura bem no estilo da diplomacia da Greta Garbo: "**I want to be alooooooone**"... **Uma tal diplomacia não funciona no mundo moderno.** Contudo, fácil é compreender a hesitação de instituições internacionais e americanas prestigiosas, como a **World Wildlife** e o **Environmental Defense Fund** em aceitar qualquer interferência estatal brasileira em projetos de nosso interesse: a reputação de inépcia, arrogância, mendacidade e corrupção de nossas autoridades burocráticas já alcançou o estágio de difusão no exterior. Por que devemos exigir dos estrangeiros que aceitem a credibilidade de nossos representantes quando nós mesmos já somos absolutamente céticos? Nossa imagem negativa assusta mais do que a realidade do Inferno Verde. Vejam o caso do parque do Monte Pascoal, uma das últimas reservas de mata atlântica do litoral: meia dúzia de gatos pingados, malpagos e abandonados sem apoio, protege aquela floresta dos ataques predatórios dos índios pataxós e de madeireiros, enquanto milhares de funcionários do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente se locupletam com sinecuras em Brasília, no Rio e em São Paulo. O que é lamentável é que soluções que conciliam em nosso próprio benefício interesses divergentes e a necessária preservação do meio sejam prejudicadas pela incidência de despautérios emocionais. De uma ecologia mental é o de que precisamos antes de mais nada...

J.O. de Meira Penna é embaixador, professor da UnB e escritor